



Guerra e Paz

MIGUEL MONJARDINO

‘Brexit’: implicações estratégicas

FacebookTwitterE-Mail

CONTACTOS DO AUTOREmail

O ‘Brexit’ é um fenómeno paradoxal. Por um lado, o tempo é cada vez mais curto para os decisores e a sociedade no Reino Unido. Por outro, as suas repercussões serão sentidas ao longo de décadas. O resultado do referendo de 2016 foi ditado, sobretudo, por comportamentos culturais e comerciais. A maioria viu na saída da União Europeia (UE) a oportunidade de manter instituições políticas e identidade. As emoções foram mais importantes do que os factos.

As considerações estratégicas sobre o longo papel histórico de Londres na gestão dos equilíbrios europeus não terão sido relevantes para eleitores e decisores políticos da Inglaterra, País

de Gales, Escócia e Irlanda do Norte. E Boris Johnson continua a olhar para o ‘Brexit’ do ponto de vista comercial e financeiro. O seu objetivo é transformar Londres numa Singapura no Tamisa. Isso exigirá diferenciar o Reino Unido da UE ao nível fiscal e regulatório. O tempo dirá se parte substancial dos que apoiaram o ‘Brexit’ não quer o oposto: menos globalização e mais proteção em relação ao exterior.

Esta fixação tem desviado a nossa atenção do que acontece ao nível militar. O “take back control” do ‘Brexit’ colidiu com a realidade de uma política industrial assente no “America first”. Quase todos os grandes sistemas de armamento do Reino Unido foram fabricados por empresas dos EUA. O exemplo mais evidente é o programa do F-35 Lightning II. Os códigos dos sensores que permitem o funcionamento do primeiro caça de quinta geração britânico são propriedade dos EUA.

Uma das principais consequências estratégicas do ‘Brexit’ é uma Londres ainda mais dependente de Washington. Para muitos na capital britânica, é a melhor forma de o Reino Unido continuar a desempenhar um papel essencial na segurança e defesa europeias, agora que chegou ao fim o Tratado de Forças Nucleares Intermédias entre os EUA e a Rússia, um dos pilares da ordem regional europeia nos últimos 30 anos.

Nas últimas duas semanas, três bombardeiros B-2 Spirit dos EUA têm estado na base aérea de Fairford, em Inglaterra. O seu treino com os F-35B britânicos é importante do ponto de vista militar e político. Pela primeira vez os B-2, com capacidade nuclear, treinaram com caças estrangeiros. As passagens dos bombardeiros dos EUA pelo Círculo Polar Ártico e pelas bases aéreas de Keflavik, na Islândia, e das Lajes, nos Açores, nas últimas duas semanas, também são relevantes, sobretudo por terem sido divulgadas pela Força Aérea dos EUA.

A base de Fairford é cada vez mais importante para a dissuasão nuclear dos EUA na Europa. O ‘Brexit’ aproximou Londres de Washington ao nível nuclear. Acresce que os americanos estão a

testar a capacidade de Keflavik e das Lajes para apoiar a passagem dos B-2 no teatro de operações euro-atlântico. A importância do espaço geopolítico que vai da Gronelândia até aos Açores está a crescer.